



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS
LINHA DE EDUCAÇÃO**

DENI ELLIOT NORONHA LOPES

**“NÓS” ENTRE RABISCOS E PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA HQ
PARA POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS EM VULNERABILIDADE**

**SOBRAL-CE
2021**

DENI ELLIOT NORONHA LOPES

“NÓS” ENTRE RABISCOS E PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA HQ PARA
POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS EM VULNERABILIDADE

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia e Políticas Públicas.

Orientador: Profa. Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes

DENI ELLIOT NORONHA LOPES

“NÓS” ENTRE RABISCOS E PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA HQ PARA
POLÍTICAS PÚBLICAS COM JOVENS EM VULNERABILIDADE

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissional em Psicologia e
Políticas Públicas da Universidade
Federal do Ceará - Campus Sobral como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Psicologia e Políticas
Públicas.

Orientador: Profa. Dra. Rita Helena
Sousa Ferreira Gomes

APROVADO EM ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes (Presidente)
Universidade Federal do Ceará (UFC) – *Campus* Sobral

Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Ceará (UFC) – *Campus* Sobral

Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto (Examinador Externo)
Universidade Federal do Ceará (UFC) – *Campus* Sobral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L851“ Lopes, Deni Elliot Noronha.

“Nós” entre rabiscos e palavras: a construção de uma HQ para políticas públicas com jovens em vulnerabilidade / Deni Elliot Noronha Lopes. – 2021.

25 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes.

1. Políticas Públicas. 2. Educação. 3. História em Quadrinhos. 4. Empoderamento. 5. Juventudes. I. Título.
CDD 302.5

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é dedicado a cada jovem que vivenciou exclusão em sua vida, que se sentiu silenciado e invisibilizado. Cada jovem que resistiu e existiu, que fez sua voz ecoar, criou rede e foi apoio a outras vozes e existências. Que seus cantos nunca sejam instintos, eu canto e ouço daqui e de lá.

A minha família, principalmente minha mãe, que uma vez me disse que nada teria para me deixar, a não ser a educação, meu tijolo de construção de mundo. Me ensinou ainda que educação é um caminho de luta, mas também de muito amor, minha primeira professora. Você só errou que só me deixaria educação, obrigado por repartir tanto amor comigo, por me permitir o sonho, apostar em cada passo meu. Seu amor foi semente que floresceu em mim pela luz dos seus olhos que ilumina minha vida.

A Ellayne, que para o tempo pra imaginar rostos em manchas, discutir cores, formas, ideias e histórias enquanto construimos nossa própria história. Obrigado por segurar minha mão e minhas noites, por me cuidar em desde me lembrar de parar para beber água, até parar pra ver a vida que acontece. Obrigado por ser você, por ser meu amor, pelo abraço, pelo beijo e pelo riso.

A Gracy, “quem tem um amigo tem tudo”, já foi tanto fim do mundo que a gente viu nesses dois anos que foi ombro pra chorar, rir, mesmo que de desespero, fazer planos, construir caminhos e acima de tudo, ser apoio um do outro. Você fez desse mestrado uma experiência mais leve, é sobre entrar sozinho e não sair só acompanhado, mas na companhia de uma amiga-irmã.

A Marcos, Rodrigo, Vic, Bia, Ju, Tanna e Alana e todos os demais amigos que foram porto seguro num mar distante de Sobral, que por tantas vezes trilharam caminhos virtuais pra se fazerem presentes, por me ouvirem, principalmente sobre a HQ, lerem, se empolgarem e apostarem em mim quando nem mesmo eu apostava. Obrigado por representarem o significado de amizade.

A Ritinha, que muito mais que professora é sorte na vida, que me mostrou que o mundo faz sentir mais do que sentido e que isso é motivo de beleza e não desespero. Obrigado por ter paciência com minhas neuroses e desesperos, obrigado por me mostrar uma forma de ciência cercada de afeto e que a gente não se apaga pra fazer ciência, mas justamente o contrário. Você foi inspiração pra essa HQ e pra tantas outras intervenções que começam justamente com a pergunta “O que a Ritinha faria?” Obrigado por toda

amizade nesse percurso e por me ensinar que não é perguntar sobre o mundo, mas se perguntar sobre o mundo sendo com ele.

Por fim, obrigado a todos que me acompanharam nesse trajeto, a minha irmã, meus sobrinhos. À Rita, que mesmo não entendendo nada sobre o que é HQ ou mestrado me escutava falar sobre, assistia meu processo e se encantava com meus desenhos, foi cuidado e carinho e aos jovens do CRAS, que mesmo com tão pouco contato me mostraram dores, amores, medos, coragens e que inspiraram os personagens de “nós”.

*“Enquanto a terra não for livre, eu
também não sou”*

(Principia – Emicida)

*Primeiro, nunca Matar
Segundo, jamais Ferir
Terceiro, estar sempre atento
Quarto, sempre se unir
Quinto, desobediência às ordens de vossa
excelência que podem nos destruir*

(Reza forte – Baiana System)

NO INÍCIO ERA O RASCUNHO

Atualmente são identificadas cerca de 7139 línguas faladas ao redor do mundo (ETHNOLOGUE, 2020), 7139 formas diferentes de se expressar, compartilhar informações, descrever, escrever e se inscrever no mundo. Iniciamos por falar de idiomas, embora não seja um capítulo sobre esse tema, mas sim sobre uma forma de se inscrever no mundo e que transpassa a linguagem escrita padrão, própria da academia, pois como propõe Duarte Junior (2000), é preciso ousar dentro da academia, trazer novas linguagens para dialogar com o cotidiano.

A linguagem expressa, por si mesma, a variedade que temos enquanto seres humanos, se nossa história é construída por meio dessa diversidade, porque negá-la justamente ao falarmos de ciência e educação? Mais do que isso, não se pode pensar universidade sem pensar em diferença por seu espaço ser palco de diálogo e encontro, principalmente a partir de políticas públicas de acesso. Então, porque não criar novos contornos dentro da universidade?

Para o projeto de pesquisa “‘A música é só uma semente’: arte e educação como ferramenta de empoderamento para juventudes marginalizadas” foram pensadas, inicialmente, a organização e realização de oficinas de arte, que visariam, a partir de discussões sobre música, dança, poesia, etc, um despertar para questões sociais comuns aos jovens em vulnerabilidade social, usuários do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), da cidade de Reriutaba/CE. As oficinas seriam desenvolvidas dentro do Serviço de Convivência e Fortalecimento de vínculos (SCFV) do CRAS de Amanaiara, no qual o pesquisador atuava enquanto psicólogo. Tinha-se a pretensão de observar como a arte poderia produzir impacto nesses jovens de modo a desenvolver sentimento de empoderamento e transformação social.

No entanto, a vida tem seu próprio percurso. Devido à pandemia do novo Corona Vírus se tornaram inviáveis as oficinas em grupo. E, ainda que se cogitasse uma oficina virtual, surgia a barreira do acesso, pois muitos jovens do público alvo delimitado não tem celulares ou internet em casa. Desse modo, a opção virtual mais efetuaria exclusão do que inclusão, e as oficinas realizariam o contrário do seu objetivo.

Por isso, em meio aos diálogos próprios da orientação de pesquisa, foi discutida a produção de uma cartilha ou uma história em quadrinhos (HQ) como ferramenta de facilitação para o trabalho com temas pertinentes ao cotidiano da juventude brasileira (racismo, sexualidade, gênero, violência, relações familiares e demais relações afetivas), mas que encontram dificuldade de serem discutidas, seja pela densidade ou complexidade dos temas. Assim, o material serviria de suporte aos profissionais que

atuam com jovens, ofertando brechas à discussão sobre diversos temas e dando abertura às falas desses jovens por meio da arte. Arte que poderia se presentificar na ferramenta pela via do formato, do conteúdo, ou de ambos através da ilustração, música e design.

De pronto, se optou pela segunda opção, não somente pelo apelo à linguagem jovem que a HQ proporcionaria, sendo de maior aceitação pelos usuários do CRAS; mas por considerar também as possibilidades de aproximação com a vida desses jovens por meio de uma narrativa que dialogasse com a vivência comum de jovens periféricos, usualmente sem espaço de relevo na mídia. A HQ poderia trazer para o centro questões as quais os jovens brasileiros se deparam cotidianamente e, ainda mais, a juventude periférica, como questões sociais, de gênero, raça e classe, mas que muitas vezes são silenciadas e invisibilizadas pois não surgem nas grandes mídias, ou o fazem apenas em segundo plano.

Desse modo, a HQ toma forma, na construção de sua narrativa, dos personagens e espaços que se aproximam de histórias reais, visto que o pesquisador a produz a partir da experiência de trabalho no CRAS com os jovens assistidos pela instituição. Os traços são, então, emprestados da realidade e transcritos em um enredo que tira esses jovens do segundo plano e os trazem para o foco, possibilitando um novo olhar sobre uma realidade escrita cotidianamente no dia-a-dia da juventude brasileira.

ALGUMAS *LINE ARTS* DE JUVENTUDES BRASILEIRAS

Capa da obra “Nós”



Fonte: produzido pelo autor

Para construção da HQ, intitulada “Nós”¹, se fazia necessário a união de questões complexas sobre raça, classe, saúde mental, gênero, sexualidade, diversidade e equidade com uma linguagem jovem, acessível e pertinente, para que houvesse interesse e identificação do grupo alvo que se espera alcançar com a história. Considerando que a forma de lidarmos com artefatos se depara com um condensado de juízos, valores, crenças, vindos de experiências anteriores, memórias e informações obtidas indiretamente (Cardoso, 2013), percebeu-se a relevância de que a produção não se apartasse da posição do pesquisador enquanto técnico de referência do CRAS em sua vivência dentro da instituição.

Dentro do CRAS, havia a oportunidade de, junto aos orientadores sociais, participar ativamente em atividades com os jovens do Serviço de Convivência em que ocorriam trocas, diálogos e rodas de conversas. A experiência mostrava que, nesses diálogos, se pode conhecer uma parte do olhar dos jovens sobre aquilo que os rodeia, bem como identificar questões que os aproximavam. A partir da proposição da HQ pela pesquisa, o pesquisador habitou esses espaços de fala e escuta atento para o que poderia compor o enredo de ‘Nós’. A preocupação era criar uma história pertinente e condizente com a visão daquela juventude, dando aos problemas que emergiam uma nova roupagem que garantisse a representatividade dos jovens nos personagens principais, sem, contudo, dar margem para uma sensação de exposição de suas privacidades.

Assim, o trabalho comprometeu-se eticamente a, não utilizando o as falas dos jovens de forma literal ou de maneira a expô-los, partir de suas vivências para criar personagens com histórias em comum, que caminhassem em paralelo aos olhares apresentados e percebidos nos jovens do serviço. Além disso, a percepção que se teve dessas vivências foi esticada pela própria vivência da juventude do pesquisador e do olhar para demais histórias cotidianas, encontradas nas mídias, nas redes sociais, no dia-a-dia, não se fechando unicamente nos jovens oriundos do CRAS, mas articulando-os com as diferentes juventudes do Brasil.

Assim, o contorno dos personagens, assume as diferentes realidades encontradas na juventude brasileira com percepção de histórias reais, duras e divertidas, convertidas em uma história com um pé na realidade e um pé na ficção. Desse modo, surgem Liz, Caiubi, Luke, Julia e Oliver, carregando consigo marcas inscritas cotidianamente em pessoas reais que sobrevivem na barbárie do neoliberalismo (Abramo

¹ Uma amostra da revista em quadrinhos pode ser acessada através do link: <https://joom.ag/SEyI>. Para mais informações sobre a obra e acesso ao seu conteúdo, entre em contato pelo e-mail: deninoronhalopes@gmail.com. É importante lembrar que a obra é protegida por direitos autorais e sua venda é proibida, bem como sua distribuição sem os devidos créditos.

& Fachini, 2009). Barbáries ocasionadas pela vivência de violências ligadas, principalmente, à estigmatização de lugares, ainda que não concretos, marginalizados. Tais como, racismo, homofobia, sexismo e violências em relações sociais, intrafamiliares e em espaços públicos, como os escolares.

Caiubi é um jovem de descendência indígena e bissexual, ele esconde ambos os traços na escola, pois sente a necessidade de comprovar sua masculinidade por se sentir “o homem da casa” desde o abandono de seu pai. Ele namora Oliver, um adolescente gay que se mudou recentemente para uma nova cidade e escola, em razão da sua mãe ter mudado de emprego. Oliver é o melhor amigo da Liz, uma jovem negra, gorda e orgulhosa de quem é que, no entanto, têm traumas causados pelo racismo e a gordofobia que são escondidos pelo humor. Ao chegarem à escola, Liz e Oliver conhecem Luke, um jovem transgênero que iniciou a pouco seu processo de transição e não encontrou coragem para contar isso à sua mãe, devido ao medo de ser expulso de casa. Luke é novo na escola também e ao chegar conhece Júlia, uma adolescente branca, que leva a sério as discussões sobre feminismo, contudo, um feminismo que não enxerga questões de raça e classe e por isso entra em embates com Liz.

Rascunhos do personagem “Oliver”



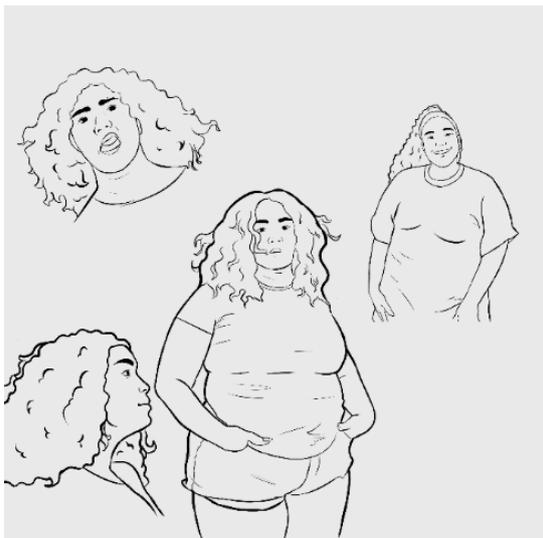
Fonte: obra autoral

Rascunhos da personagem “Júlia”



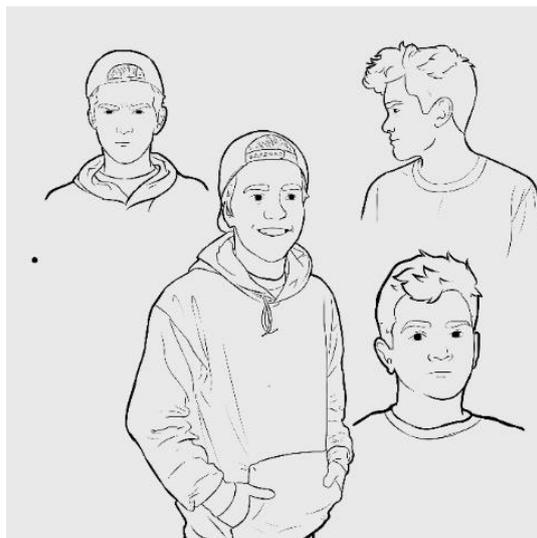
Fonte: obra autoral

Rascunhos do personagem “Liz”



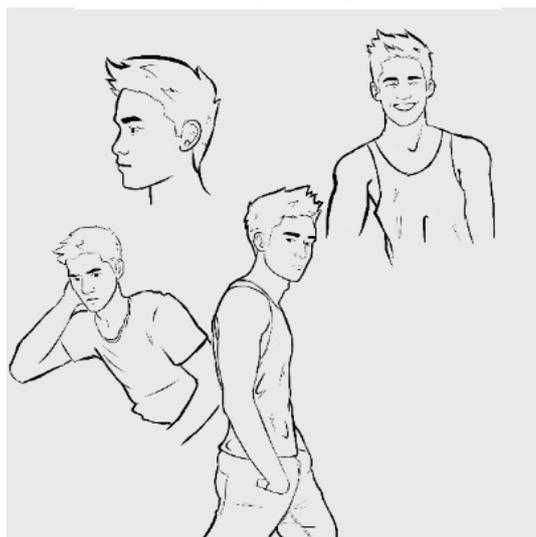
Fonte: obra autoral

Rascunhos do personagem “Luke”



Fonte: obra autoral

Rascunhos do personagem “Luke”



Fonte: obra autoral

Esses jovens acabam estando juntos no mesmo grupo de um trabalho de português. Porém, a união enquanto grupo somente surge quando da partilha de suas diferenças que evidencia pontos de convergência e divergência, mas acima de tudo, de apoio. A partir do ponto que “eles” se transformam em “nós”, a criação de laços permite o suporte para além da vivência escolar, o “nós” abre a oportunidade para a ideia de comunidade.

Desta feita, tantos os personagens como as relações entre eles permitem o acesso a diferentes discussões relevantes ao cotidiano jovem. Liz e Julia apresentam questões sobre feminismo, racismo, estética e adoecimento mental vivenciado a partir de

exclusão social ou espaço familiar tóxico. Além disso, embora não seja abordado de maneira direta, a relação das duas também toca a automutilação e a depressão.

Por sua vez, a relação de Oliver, Caiubi e Luke, aborda a masculinidade, relações homoafetivas, sexualidade e questões de gênero. Criando uma abertura para se pensar tanto a transexualidade como a performance de gênero própria da masculinidade e suas posições de poder. Assim como as violências advindas da homofobia e sexismo.

Ademais, na HQ as questões aparecem não somente nas discussões entre os jovens, os papéis secundários também apresentam seus jogos de poder. Quando, por exemplo, vemos o convite da professora Bel, durante a proposta de uma atividade para segunda nota, para que os jovens tragam para sala de aula o seu cotidiano. Isso acontece através de uma atividade da própria disciplina que pede que a poesia seja trabalhada incorporando a vivência exterior à escola, rompendo, nesse sentido, a barreira entre esses dois espaços. Por outro lado, tem-se a figura do diretor, que é um personagem que ocupa o lugar de silenciamento frente aos jovens, demonstrando o não querer saber sobre suas relações, conflitos e afetos.

Diálogo entre diretor e professora Bell



Fonte: obra autoral

Outro aspecto de destaque é a caracterização dos personagens primários, secundários e espaços que leva em consideração a representação regional e nacional. Essa opção se materializa na HQ por sua linguagem, no uso de neologismos, pela cor dos personagens primários e secundários, predominantemente não-branca, pela presentificação das grades na estrutura física das escolas públicas e marcas comuns em nossos objetos e prédios públicos. Desse modo, é por meio da apresentação sobre a realidade percebida que se borram as fronteiras da experiência de jovens brasileiros,

especificamente jovens periféricos, e da fantasia, para que possa traçar caminhos para sua transformação.

Protagonistas em reunião de trabalho



Fonte: obra autoral

Para construir conhecimento, para transformar ação em revolução é preciso entender com que cores o ouvinte pinta o mundo para que possamos lhe apresentar novas pinturas, técnicas e cores (Freire, 2019) e com isso unir forças para transformação radical das opressões sociais que persistem. E como afirma Preciado (2020), “para o subalterno, falar não é simplesmente resistir à violência do performativo hegemônico. É sobretudo, imaginar teatros dissidentes, nos quais seja possível produzir uma nova força performativa.” (p. 131).

Ferreira (2010) anota que a arte é uma forma específica de construir conhecimento, uma força inventiva que recria a vida. Por isso, a fantasia amplia nosso campo de visão e cria ferramentas e mecanismos para a mudança estrutural da sociedade. A criatividade nos permite a transformação da nossa realidade, já que a imaginação nos permite traçar novas rotas que afetam a realidade concreta, sendo, portanto, apropriada ao espaço da educação e da política. (FREIRE, 1986). Esse engajamento no fazer que enlaça o imaginativo à realidade concreta aponta para a revolução social de um saber-fazer cotidiano.

“QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO”: E TODOS OS PONTOS CONTAM?

Chimamanda Ngonzi Adichie (2019), em sua fala sobre o risco de uma história única, discute sobre os impactos de se contar histórias sobre um grupo ou povo, ao se construir estigmas que relegam sujeitos a posições inferiores, ou perigosas a partir

de como, quando, quanto e por quem são contadas. Vemos isso se repetir reiteradamente na nossa história e ainda de forma muito presente, como pôde ser observado pelas construções de vilões e heróis pela mídia nacional.

E, ainda com Addichie (2019), pensar em histórias é pensar em poder. Como Almeida (2016) diz, ao lembrar Walter Benjamim, a história contada, oficial, é a história dos vencedores. Guerras são contadas pela ótica de quem vence, não do derrotado, assim construindo como correta a lente que observa a história a partir da perspectiva daqueles que detêm o poder. Ter o poder de ser narrador é ter poder político, ou nas palavras de Boal (2009, p. 70): “A luta semântica é luta pelo Poder”. A reprodução desse fazer diário se enraíza por toda nossa forma de construção de sociedade. Quando pensamos saúde, educação, relações sociais, políticas públicas, notamos que são sempre entrelaçadas ao olhar de quem tem mais poder, pois são quem as constroem. Sua manutenção, contudo, se nutre da abertura que encontram na nossa reprodução desse ponto de vista em nossas ações, valores e pensamentos.

Logo, é inegável a potência de abrir espaços de fala para esses outros narradores “não-oficiais”, como forma de resistir à fala hegemônica e hackear os processos da construção social, nos quais, na prática, todos estamos implicados. Portanto, criar ambientes de escuta e fala é abrir um campo fértil para novas produções de sentidos e de transformação não somente de sujeitos, mas de coletivos e sociedade por meio do poder do narrador que se metamorfoseia em diferentes vozes. Uma narração não completa, visto que isso seria inviável, mas prismática, ou seja, que não se hierarquiza de maneira vertical, ou se ordena de maneira horizontal, mas sim interseccional.

Joice Berth (2019) aborda o tema ao falar de silenciamento, tomando o termo “pernicious ignorance”, que se refere à ignorância de má fé, que age de forma violenta dificultando ou negando acesso à produção cultural e intelectual de grupos historicamente oprimidos. “Essa ignorância advém de as classes dominantes perpetuarem a manutenção das desigualdades e lutarem de todas as formas contra a perda da hegemonia do discurso único.” (Berth, 2019, p. 58).

Assim, história e cultura, ainda que construídas de forma coletivas, são apresentadas somente por uma perspectiva, de um grupo dominante. Enquanto os demais participantes dessa construção têm suas narrativas tratadas como exóticas e só encontram abertura em pontos específicos da história, quase como se pedissem licença, quando na realidade são atores essenciais da construção cultural do país. Tal fato pode ser visto na maneira de apresentação das culturas de populações indígenas ou originárias, afro-brasileira e de origens orientais. A isso Berth (2019) chama também de violência

epistêmica, pois se refere à transmissão e produção de saberes. Algo que também se torna questão para Preciado (2020) que, durante o festival Flip, nos provoca a considerar sobre a importância e possibilidade de criarmos uma epistemologia multiaxial, ou seja, que consiga lidar com a pluralidade do mundo.

E é justamente retornando a Preciado que encontramos um caminho a sua questão, ao afirmar que “O que Benjamim nos convida a fazer é escrever a história do ponto de vista dos vencidos. Só através dessa reescrita invertida será possível interromper a repetição da opressão” (PRECIADO, 2020, p. 118). É na profanação da tradição histórica que poderemos reescrever a sociedade junto aos excluídos e silenciados. Com eles poderemos (re)aprender novos caminhos para a ciência, para a educação e para as políticas públicas.

É nesse caminho que a HQ “Nós” trilha seu percurso e se propõe a ser ferramenta de transformação. Ainda que a história não seja escrita e feita em sua produção manual pelos jovens integrantes do CRAS, o enredo traz vivências e experiências próximas desses jovens, embasadas em um olhar e escuta sobre suas vidas, utilizando sua linguagem e cenários cotidianos. A obra se apresenta como um convite à fala. Convida, por meio da teatralização ilustrada, ao sujeito olhar para si mesmo e para sua comunidade e entender que sim, suas histórias são merecedoras de atenção e de serem escritas. É um convite à escuta de novas histórias, e porque não, à construção de novas histórias, por uma nova perspectiva.

Esse processo não se distancia do fazer educativo, pois, de acordo com Silva (2000), o ato de educar é uma forma de inscrição da diferença no mundo que, ao barrar a eterna reprodução do mesmo, lhe traz vida (SILVA, 2000). Nessa medida, passa-se a entender a educação para além de sua dimensão formal, uma vez que processos de diferenciação e identificação transcendem o espaço da escola, podendo ocorrer em vários lugares, inclusive, no CRAS.

Pois como afirma o patrono da educação brasileira, Paulo Freire:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2019, pp. 44-45)

Assim, entendemos que a educação vai muito além das repetições e adestramentos para resposta de avaliações. A educação envolve afeto, relações, autonomia e poder, algo que passa de forma despercebida pela maioria de nós durante nosso processo formativo ao longo da vida. Não raro, encaramos a educação por um

prisma superficial e de visão limitada que a reduz à uma formação técnica e atrelada à lógica do mercado, embora nos documentos oficiais sobre a educação seu papel fundamental na formação para cidadania seja demarcado. (SEVERIANO, no prelo).

Por isso, são importantes novos modos de se fazer educação, dentro e fora das salas de aula. Uma educação que também é construída no cotidiano na “poesia do dia-a-dia”, como surge na HQ em contraposição à educação rígida e dura, que separa o lugar de se fazer ciência e o lugar de diversão. Daí, uma escrita que tem fala e corpo, cor e história é relevante para a educação e para as políticas públicas. Como afirma Hooks (2018), se agimos como se a história não importasse, não tivesse impacto sobre nós, também corremos o risco de apagar-nos. Ao apagar nossos corpos em detrimento de um saber e fazer diretivo e objetivo, apagamos nossas diferenças sociais e os impactos dela em nossas vidas numa falsa suposição de neutralidade, algo interessante à lógica neoliberal que, por esse meio, promove a perpetuação de privilégios.

Não distante, as políticas públicas são impactadas pela realidade da lógica neoliberal da sociedade na qual ela existe, onde a formulação e gestão dessas políticas passam pelo embate de forças contra a garantia de direitos sociais. Como afirma Teixeira (2009):

Formular políticas sociais no capitalismo e, mais do que isso, no contexto do neoliberalismo, é enfrentar poderosas forças sociais sempre em luta para assegurar no Estado a consolidação de seus interesses e privilégios, os quais investem contra direitos sociais, especialmente contra aqueles que têm perspectiva redistributiva. (p. 8)

Assim, os cargos decisórios e a deliberação tendem a ser atravessados pelos desejos do mercado em detrimento das necessidades sociais da população empobrecida. Algo que marca a formulação de políticas públicas no Brasil ao longo de sua história, encontrando gargalos tanto na arquitetura da participação democrática na formulação das políticas, bem como na visão autoritária do estado sobre os cidadãos (Teixeira, 2009).

Desse modo, nessa falsa participação, ou mesmo conhecimento das questões que atravessam os sujeitos afetados pelas políticas públicas, ocorre uma exclusão pela inclusão, pela qual o indivíduo assistido pelas políticas públicas recebe dela uma lógica monocromática, que pensa um sujeito genérico, baseado em um olhar distante e objetivo de pessoas que nada tem a ver com aquelas concretamente atendidas. O resultado disso é, por vezes, uma política que não fazendo sentido aos usuários, perde o próprio sentido.

Se as políticas públicas carecem dessa participação democrática, podemos entender que isso se estende por toda ela, inclusive em suas ferramentas. Quando se estabelece a possibilidade de criação de ferramentas a partir de outras formas de observar

a experiência nos seus espaços, dando voz e vez aos usuários, bem como para criatividade dos profissionais envolvidos nas instituições, pode-se pensar numa reconstrução da política.

Por isso, a HQ enquanto ferramenta para a política pública, produzida por um técnico do CRAS encarna uma força e uma limitação ao mesmo tempo. Pois o campo de pesquisa para sua criação está presente de maneira direta, devido às experiências profissional, junto aos jovens, e pessoal, enquanto indivíduo que vivenciou a vulnerabilidade de alguém fora da norma. No entanto, a história não foi passada pelo crivo desses jovens assistidos pelo CRAS, em vista das circunstâncias de saúde pública colocadas pela pandemia do novo Corona Vírus. Isso nos impulsiona para a necessidade de uma pesquisa posterior que tenha como foco analisar a percepção dos impactos e sentidos produzidos pela história e personagens nos jovens periféricos, e, a partir dos achados ajustar a HQ.

Essa necessidade, contudo, não nubla o potencial dessa ferramenta dentro das políticas públicas quando se fala sobre recuperação de voz e de história. Pois como afirma Addichie “As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (p. 16)

A narrativa da HQ, desse modo, se apresenta como espaço de criação de laços por meio do diálogo, algo próprio da expressão artística. Esta, enquanto ferramenta de construção de laços, age a partir da expressão da individualidade de sujeitos possibilitando a conexão de pontos de encontro e, com isso, o potencial para desenvolver sentimentos de pertencimento e sociabilidade. (O’NEILL, 2015).

Adicionalmente, se pela arte há o “acolhimento da multiplicidade, pela polissemia, pelo jogo com o que parece óbvio e pela expansão das fronteiras.” (GOMES, 2015, p. 109), é pela história da HQ que a complexidade das vivências jovens, tão plural, se apresenta, criando diferentes aberturas à identificação com os futuros leitores que podem se inserir dentro da história e, através de sua tinta, perceber novos modos de recolorir a realidade ao voltar-se para o próprio mundo.

Através da subjetividade envolvida na construção da história, os leitores podem reconhecerem a si mesmos, não apenas como espectadores, mas como aqueles protagonistas, tomando emprestado os traços e cores dos personagens de “Nós”. Assim, o Nós se estende para além dos personagens da história, alcançando todos aqueles que, de certo modo, participam da narrativa por traços identificatórios. Essa aproximação abre

espaço para liberação da própria voz, algo essencial ao se pensar empoderamento. Em “Erguer a Voz”, Bell Hooks (2020), afirma que

Para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz” não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – A voz liberta. (p. 29)

A voz nos inscreve no mundo, pois é com ela que podemos nos opor às demandas de um outro. Em outras palavras, erguer a voz é uma forma de emancipação que visa ao empoderamento, entendido aqui como necessariamente atrelado à dimensão coletiva, pois “a consciência crítica é condição indissociável do empoderamento” (Berth, 2018, p. 53). A HQ trilha seu percurso não perdendo essa condição da coletividade de vista, pois em seu enredo, é a partir dos momentos de troca, da abertura ao diálogo entre os personagens, que se rompe com o individualismo por meio da partilha de dores, dúvidas e alegrias que antes estavam enclausuradas na vivência individual de cada um.

Pela via do encontro, entre conversas, surgem os pontos de convergência e divergência onde se inicia a construção de um coletivo, um “nós”. A partir desse encontro, as questões, antes solitárias e silenciosas, podem ser redesenhadas com o suporte adquirido na construção de laços.

Fomentar, dentro das políticas públicas, espaços para diálogo dessas vozes, para criação de alianças e caminhos, usando a arte como mediadora, é contribuir para concretização do efetivo exercício de cidadania e de reconstrução social por atores tradicionalmente marginalizados. Através das trocas de experiências coletivas pode-se entender que os variados sistemas de dominação existentes não são a única via possível. (BERTH, 2018). Ao contrário, é possível produzir em conjunto com nossas comunidades formas de enfrentamento a eles.

A criatividade é essencial nesse processo, seja por seu caráter utópico (Duarte Jr., 1995), seja por garantir a abertura à diferença. Logo, propor uma ferramenta marcada pela arte para mediar trocas de experiência, nos afasta (embora não possa eliminar o perigo por inteiro) de conduzir as ações de modo meramente técnico, que por sua natureza impessoal, homogeneiza as pessoas ao não reconhecer sua pluralidade.

Consequentemente, ações em políticas públicas que entrelaçam arte e temas sociais tendem a germinar o sentimento de empoderamento, ao darem possibilidade de elaboração de questões subjetivas, pensar crítico sobre o cotidiano e vivência dos sujeitos que estão ali. Ao promover ambientes de criação, elas fortalecem os indivíduos, ao

mesmo tempo que fortalecem seus grupos. Geram espaços onde o indivíduo pode tomar a frente de sua história, assim como contá-la e reelabora-la.

POSSÍVEIS MODOS DE USAR:

Enquanto ferramenta de políticas públicas, a HQ não se limita às políticas de assistência social, podendo, por sua diversidade, rodar pelas diferentes políticas: de cultura, ao pensar o lugar da arte na construção das juventudes; de educação, caminhando pela ideia de uma educação que se faz dentro e fora da sala de aula; de saúde, se jogarmos luz nos impactos na saúde mental advindos da experiência da exclusão social pelo racismo e relação com corpo. Enfim, a obra pode ser utilizada em todo e qualquer espaço onde se desenvolvam trabalhos com jovens em vulnerabilidade social e em diferentes temas, para além dos expostos aqui.

Como exemplo, convidamos os leitores a imaginar um profissional do CRAS ou de uma escola, que deseja introduzir discussões acerca de exclusões sociais vivenciadas no cotidiano. De início, pode ser entregue a revistinha a cada um dos jovens, para que possam ler, de maneira coletiva ou individual.

A partir da leitura, em um segundo momento, é promovida uma roda de conversa, onde os jovens podem trazer o que os tocou durante a leitura do material. O que os impactou, o que se aproximou de suas realidades, o que, ainda que distante, surgiu como interessante a esses jovens. Na roda, a ideia é que se abra espaço à fala e à escuta, principalmente entre os jovens, para que possam perceber entre eles mesmos lugares de congruência, onde as histórias tocaram no mesmo lugar. É interessante perceber também personagens de identificação e os motivos, pois, por essa via, é possível conhecer mais sobre os jovens, seus interesses, viabilizando ações futuras.

Outro ponto importante na roda é que o profissional possa entender de que local os jovens estão partindo, a vivência deles de violências e o quão despertos a isso eles parecem estar. É essencial que profissionais atuantes nas políticas públicas tenham ciência de posições de privilégio e desigualdade para pautar sua atuação. Matthews (2015), situa três principais consequências para educadores que, em seu fazer desconsideram privilégio, são elas: marginalização, exclusão e “consciência colonizada”. Aqui, acredita-se que esses efeitos se estendam às demais atuações em políticas públicas, onde a exclusão e marginalização se efetua pelo apagamento ou silenciamento da vivência e produção social e cultural de grupos. Assim, seus interesses não são explorados, algo que pode afetar seu desejo de participação dos espaços. (Matthew, 2015)

Ainda, por esse desinteresse no fazer desses grupos, pode se desenvolver uma noção de valorização de apenas uma determinada cultura, referente a grupos privilegiados, em detrimento da própria assumindo atitude de subordinação e afirmação de inferioridade de si, por estar fora dessa cultura superior, inferiorizando a si mesmo em processos identificatórios e inconscientes, culturais e sociais, por se entender como parcela de um grupo inferior. (Matthew, 2015; Berth, 2019)

Por isso, é importante que os profissionais atuantes nas políticas públicas se debrucem sobre a noção de privilégio e opressão, e mais do que isso, consigam perceber em seu cotidiano as relações que o cercam e os comportamentos reproduzidos por si e pelos atores das políticas públicas. Aqui se insere outra forma possível de uso: A HQ pode servir como instrumento de problematização dessas questões com profissionais das políticas públicas e jovens.

Outra alternativa é, a partir da roda de conversa, instigar os jovens a buscarem esses personagens na vida real, convidando-os a trazerem para o espaço histórias que poderiam ser desses personagens, mas na vida real, podendo ser histórias pessoais dos jovens participantes da instituição ou de amigos, familiares ou de pessoas distantes, como artistas. O interessante é mostrar que aquelas histórias se efetua na vida real, e que merecem ser contadas, que tem o seu valor. Além disso, é uma abertura à autoria, à representação de sua própria história.

Ainda pode se elencar outros modos de utilização, que pode trilhar por diferentes caminhos, como por exemplo, podem ser elaboradas sketches, ou um teatro sobre a história. Outra opção seria os jovens escreverem histórias sobre outros jovens fictícios presentes na cidade onde se passa a história da HQ, nos espaços mostrados, personagens esses que interagiriam com os personagens originais da história, que cruzam com eles, na escola, no CRAS, nas ruas, no bairro. Assim, a HQ se desdobra em espaço para a reconstrução da história também por outras pessoas, por outras vozes e olhares.

É válido destacar que, nessas atividades, é interessante o profissional mediador ou facilitador participar realizando as atividades, tal qual os jovens, estabelecendo uma relação horizontal e de resposta à abertura desses jovens, demonstrando interesse do profissional em estabelecer um laço que não é caracterizado pela hierarquia. É necessário ter sempre claro: não se pode transformar o mundo sem estar com ele, agir junto é dar corporeidade ao exemplo, à ideia (Freire, 2019).

Por fim, é relevante explicarmos, não existem apenas essas formas de utilizar o material, limitar o seu uso seria contraditório, visto que partimos da ideia de que não há

um único modo de se contar histórias ou fazê-las. Assim, aqui explicitamos o desejo de um uso responsável e livre do material, nas mais diferentes atividades que os leitores se dediquem, esperamos que no final, ela seja só o início ou caminho para um processo de reconhecimento e transformação social para pessoas em suas diferentes formas de existir com o mundo.

CONCLUSÃO PROCESSANDO...

Voltando desde o início, podemos entender a importância da língua em nossa ligação conosco e com o espaço em que vivemos, em sua possibilidade de transformar a realidade pelo modo de contarmos e fazermos história e arte. No seu desdobramento somos tocados por ela, podemos criar identificação, brechas para entrada de atores antes apagados. Como afirma Hooks (2018), é por meio da língua que “nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua” (p. 233).

Criar uma HQ como ferramenta para o trabalho em políticas públicas dentro de uma universidade pública, é romper com um fazer hegemônico, que prioriza uma falsa cisão entre fazer científico e fazer artístico, quando ambos se enriquecem em seu fazer conjunto. É entender o lugar da divisão criada entre “mente e corpo”, que efetua apagamento dos sujeitos e seus percalços que envolvem seu lugar social e reconciliar-se com a sensibilidade e demais sujeitos com os quais realizamos construção social. (Gomes, 2015; Hooks, 2018).

Para além disso, é criar uma ferramenta prática para as políticas públicas que não somente visa a possibilidade de dar espaço à voz de jovens periféricos, mas parte dessa premissa. Assim, o uso da HQ por profissionais de políticas públicas colabora para um fazer transformativo, que traz à luz experiências por vezes ignoradas, porém tão significantes, dando aos jovens a chance de se perceber nas falas, atitudes e trocas de personagens não-reais.

Criar a HQ implicou em um fazer profissional mais amplo, que se questiona sobre o espaço de trabalho e a forma como seu fazer se executa e é ditado dentro das políticas públicas. Isso aponta para a relevância da variabilidade de alternativas da produção técnica para o alcance dos objetivos de um mestrado profissional. Através da pesquisa, o pesquisador pode olhar para sua experiência profissional e atuar a partir dela, trazendo novas possibilidades de ação atenta aos sentidos. A pesquisa aponta, também, para a importância da valorização dos técnicos das políticas públicas em sua atuação com

populações em vulnerabilidade, pois essa ainda é uma função que sofre com precarização profissional, o que atinge diretamente os serviços.

Por fim, espera-se que a pesquisa não se encerre aqui, e que ela e os frutos advindos dela, promovam cada vez mais, nas políticas públicas, espaços de trocas e criação, onde histórias invisíveis encontrem lugar para erguerem suas vozes. Outrossim, que as políticas públicas possam se reinventar, em prol da transformação social, por vias democráticas, por diversas mãos, vozes e “nós”.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; FACCHINI, R. **Relatório Juventude e integração sul-americana: diálogos para construir uma democracia regional**. São Paulo, Pólis, 2008. Disponível em:

<http://www.juventudesulamericanas.org.br/index.php/biblioteca/doc_download/44-juventude-e-integracaosulamericanadiálogos-para-construir-uma-democracia-regional-brasil> Acesso em: 23 de março de 2019

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Boal, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256p. ISBN 978-85-7617-167-6

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 6ª REGIÃO. Seminários gestão 2013-2016. PSICOLOGIA E SISTEMA DE JUSTIÇA: Participação e Compromisso Social. In: ALMEIDA, Marília Marra; FENERICH, Guilherme Luz; GUIMARÃES, Daniel Serra Azul. Psicologia e políticas públicas: Seminários gestão 2013-2016. 1. ed. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região, 2016. cap. 1, p. 13-49. ISBN 978-85-60405-42-8.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. 184 p.

CARDOSO, R. A vida e a fala das formas: significação como processo dinâmico. In: CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 51-84. ISBN 978-85-405-0381-6.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - 6ª Região. **Psicologia e Políticas Públicas: Seminários Gestão 2013-2016**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP/SP, 2016. 385 p

DUARTE JUNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1995.

DUARTE JUNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000.

FERREIRA, F. R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. In: Rev. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n-1, jan/abril 2010, p. 261-280.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 68 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986. 224 p.

ETHNOLOGUE: language of the world. In: How many languages are there in the world?: 7,139 languages are spoken today. [S. l.]: Ethnologue, 2021. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/guides/how-many-languages>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira. **Convite à perversão**. OPUS, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 101-118, maio 2015. ISSN 15177017. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/55>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira. Sensível, eu?! Reflexões sobre o (não) lugar da sensibilidade na educação. In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro; NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo (Org.). **Educação Musical: Reflexões, experiências e inovações**. Fortaleza: Edições UFC, 2015

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade WMF Martins Fontes, 2013. 283 p.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOW many languages are there in the world?. In: Ethnologue. [S. l.], 2016. Ethnologue is the research center for language intelligence. We help our clients identify languages, find where they're spoken, get population estimates, and more. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/guides/how-many-languages>. Acesso em: 21 jun. 2021.

MATTHEWS, R. Beyond toleration – Facing the Other. In: BENEDICT, Cathy; SCHMIDT, Patrick; SPRUCE, Gary; WOODFORD, Paul. **The Oxford Handbook of Social Justice in Music Education**, New York: Oxford University Press, 2015, p. 238-249.

O'NEILL, Susan A. Youth Empowerment and transformative music engagement. In: BENEDICT, Cathy; SCHMIDT, Patrick; SPRUCE, Gary; WOODFORD, Paul. **The Oxford Handbook of Social Justice in Music Education**, New York: Oxford University Press, 2015, p. 388-405.

PRECIADO, P. B. Os 12%. In: PRECIADO, Paul B. **Apartamento em Urano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.p. 129-131. ISBN 978-85-378-1883-1.

PRECIADO, P. B. A amnésia do feminismo. In: PRECIADO, Paul B. **Apartamento em Urano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 129-131. ISBN 978-85-378-1883-1.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, J. B. Formulação, administração e execução de políticas públicas. In: Conselho Federal de Serviço Social - CFESS (org.). **Serviço social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF: CFESS: ABEPSS, 2009. p. 553-574. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/523>. Acesso em: 21 de jun. 2021